

# DE “ROSTINHO LINDO” A “PUTINHA ESCRAVA”: FALTA, EXCESSO E ESTRANHAMENTO EM CONVERSA DE APLICATIVO DE PEGAÇÃO

Ricardo Oliveira de Freitas<sup>1</sup>  
Bruno Pacheco<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo propõe analisar um diálogo realizado no aplicativo de relacionamento gay, o *Grindr*, levando em consideração os discursos materializados na enunciação linguística de dois sujeitos intitulados *sujeito azul* e *sujeito amarelo*. As cores não foram escolhidas aleatoriamente, elas remetem aos balões de conversa de ambos os sujeitos. Considerando a realidade contemporânea pelo advento da cibercultura e partindo de uma abordagem discursiva materialista, este texto descreve, por intermédio de três enunciados linguísticos, uma discussão sobre o corpo do gay passivo, além de colaborar para os estudos sobre (novos) modos de sociabilidade, resultantes de processos sociais mediados por dispositivos eletrônicos digitais.

**Palavras-chave:** análise de discurso, grindr, gays afeminados, abjeção/desejo.

## Introdução

Ao estudar os aparelhos ideológicos de estado (AIE), Michel Pêcheux (1997) discute, em sua obra *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (1997), a interpelação ideológica transformando-nos em sujeitos mediante a Ideologia. De acordo com o autor, a Ideologia já existe antes mesmo da história, isto é, ela é *omni-histórica*, interpelando a todo momento os indivíduos em sujeitos. Logo, aqui afirmo que “a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua” (ORLANDI, 2015, p. 15). Desse modo, todo discurso é construído por múltiplas e diferentes ideologias, aceitas ou rejeitadas ao longo da história. Igualmente, não há sujeito que não carregue ideologias consigo, de modo que tanto o sujeito quanto o discurso são afetados por ideologias e pelo inconsciente. Sendo assim, não há discurso neutro.

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Letras: linguagens e representações, Universidade Estadual de Santa Cruz, orientador, Doutor, [ricofrei@gmail.com](mailto:ricofrei@gmail.com)

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Letras: linguagens e representações, Universidade Estadual de Santa Cruz, mestrando, [pacheco.letras@gmail.com](mailto:pacheco.letras@gmail.com)

Conforme elucidada Sarti e Chiaretti (2016, p. 80) “[...] a ideologia interpela o indivíduo em sujeito, promovendo o apagamento dos rastros da história na língua, e fazendo circular sentidos que se instalam na sociedade e são apropriados como naturais no intradiscurso dos sujeitos a eles identificados.” Desse modo, quando nos posicionamos perante alguma situação a ideologia já está dada, ou seja, ela está ali, construindo discursos e materializando desejos hegemônicas.

Assim, Pêcheux (1995, p. 172) completa:

Diremos que a marca do inconsciente como “discurso do Outro” designa no sujeito a presença eficaz do “Sujeito”, que com que todo sujeito “funcione”, isto é, tome posição, “em total consciência e em total liberdade”, tome iniciativas pelas quais se torna “responsável” como autor de seus atos, etc., e as noções de asserção e de enunciação estão aí para designar, no domínio da “linguagem”, os atos de tomada de posição do sujeito, enquanto sujeito-falante.

Esse discurso, contudo, não se encontra apenas no campo da materialidade física, em sua forma material. Com o advento da era digital, nos tornamos seres tecnológicos, corpos digitais, conduzidos pelos algoritmos. No ciberespaço, o discurso também ocupa sujeitos, memórias e arquivos. Um mundo virtual dotado de materialidades discursivas presentes em nosso cotidiano. Em todo momento somos interpelados pelo discurso digital através de imagens e mensagens publicadas em redes sociais. Além disso, fazemos transferências bancárias, pagamentos de boletos, nos inscrevemos em eventos, lemos artigos em revistas eletrônicas, paqueramos e fazemos sexo virtual. Também assistimos a aulas e realizamos reuniões. Mais que isso, somos vigiados e monitorados por tecnologias que, a cada dia, ocupam mais e mais a cena cotidiana, através da internet, concretizada pelo uso de objetos e de microtecnologias que se comunicam de maneira autônoma à internet, promovendo ações sobre, com e entre outros objetos e pessoas *online*.

“É nesse sentido que tomo o digital para além de uma mera forma de produção da tecnologia, mas como uma condição de produção político-ideológica do discurso [...] das formas de existência capitalistas [...]” (DIAS, 2018, p. 28). O discurso tecnológico é, portanto, um modo de analisar o campo empírico material, contudo, digital, na zona das criptografias e dos algoritmos. A pesquisa digital propõe-se a analisar todas as materialidades discursivas presentes no ciberespaço em que estamos diretamente inseridos. Vivemos em um mundo digital e levamos uma vida amparada pelos dígitos, quando, por

exemplo, realizamos compras, transações bancárias, acompanhando processos jurídicos e trocamos informações em redes sociais. Produzimos, assim, vastas materialidades ideológicas, muitas vezes hegemônicas.

Quando somos concebidos, em termos biológicos, tornamo-nos sujeitos, já que, ainda no ventre, somos marcados pela ideologia gênero/sexo/desejo, um caminho ideológico pré-traçado, porquanto que se encontra na sociedade uma memória discursiva do já-dito e do já-dado principalmente quando a ideologia hegemônica dos corpos nos lê, pelos órgãos reprodutores, como masculino e feminino. Quando se pensa em gênero, sexo e desejo há, nessas três configurações, a presença de diversas ideologias. Ainda criança, somos, em geral, interpelados pela heteronormatividade lendo nossos corpos de forma binária: menino/menino; homem/mulher; macho/fêmea. No entanto, ao indiciar desvios dessa matriz inteligível, isto é, quando esse corpo começa a descentralizar a ideologia posta sobre si, a ideologia heteronormativa cria, mediante a diferentes discursos, ininteligibilidade e abjeção, reduzindo-o como marginalizado por borrar as normas canônicas.

Para melhor compreender a marginalização de determinados corpos, Judith Butler (2019) apresenta o conceito de abjeção ao descrever a heteronormatividade como matriz inteligível para a sociedade. Segundo a filósofa estadunidense, determinados corpos tornam-se abjetos por borrar as normas tidas como morais, transcendentais e metafísicas pelo ‘cis’tema heterocentrado e patriarcal.

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “não-vivíveis” e “inabitáveis” da vida social que, não obstante, são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o estatuto de sujeito, mas cujo viver sob o signo do “inabitável” é necessário para circunscrever o domínio do sujeito. (BUTLER, 2019, p.22, grifos da autora)

Por diferentes corpos abalarem a estrutura normativa, a abjeção acontece de forma contundente, provocando ódio, repulsa e outros sentimentos negativos através de discursos diversos. Essa violência acontece devido à categorização do que é normal e anormal, de quem merece a vida e de quem não é digno dela. Criam-se, portanto, camadas sociais interseccionais, nas quais sujeitos não compatíveis com o padrão heteropatriarcal são mortos pelo ‘cis’tema, pelo estado e pelas políticas públicas. Logo, não somos iguais perante a lei, como diz a nossa Constituição brasileira, principalmente dentro do contexto de gênero e sexualidade já definidas por uma ideologia dominante.

## Metodologia e método

Este estudo trata-se de uma análise etnográfica virtual que utiliza o ciberespaço como campo de pesquisa, lugar para tecer novas materialidades discursivas e sociais. A etnografia virtual, segundo Kozinets:

é [uma] pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online. Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal. (2014, p. 60, grifo nosso)

Embora Kozinets apresente a etnografia virtual como “pesquisa observacional participante”, nosso texto de valeu de observação não participante, focando, unicamente, nas produções discursivas do campo empírico sem nos envolver. Esta comunicação também se valeu de uma pesquisa qualitativa, pois entendemos que esta, segundo Bauer (2003, p. 23) “[...] lida com interpretações das realidades sociais[...]”, além de “[...] dar voz às pessoas [...]” (BAUER, 2003, p. 30).

Meu primeiro passo foi me inserir no campo empírico digital, o *Twitter*, criando uma conta sem identificação real. Logo após, aleatoriamente, pesquisei e segui alguns perfis relacionados a prints de outras redes sociais. Escolhi o perfil @GrindrPrints porque dentre todos, ele é o mais ativo, com publicações frequentes relacionados ao *Grindr* – foco da nossa pesquisa. O *Twitter* é muito famoso por possuir perfis cujas postagens apresentam diálogos realizados em outras redes sociais. O perfil @GrindrPrints, lugar onde o *corpus* desta pesquisa foi retirado, possui mais de 76,5 mil seguidores e posta com frequências prints de conversas do *app Grindr*. Todos os prints publicados não possuem identificações dos autores, tornando-os anônimos. Além de ser uma forma de zelar pelos usuários do *app* de pegação, há uma outra questão: em sua maioria, os usuários do *Grindr* não utilizam fotos, tampouco informam seus nomes de registro no perfil. Neste espaço, tudo se passa no anonimato, no que diz respeito a se revelar publicamente. Contudo, um usuário pode até se revelar ao outro quando ambos estiverem conversando. No entanto, isso acontece de forma particular. Assim como o a página @GrindrPrints, nossa pesquisa também segue o padrão no anonimato, eliminando qualquer possibilidade de identificação dos usuários do aplicativo.

A minha segunda atividade dentro da rede social foi a análise do material. Após ter selecionado 5 prints no perfil @GrindrPrints, comecei a examinar quais diálogos estavam dentro dos parâmetros dos estudos de gênero e sexualidade. Embora o Grindr seja um app de pegação, diferentes assuntos, não necessariamente ligados à sexo entre homens, são discutidos pelos seus usuários. Desse modo, para não tornar este texto exaustivo decidi pela escolha de apenas um print, pois, ao examiná-los entendi que somente um seria suficiente para discutirmos sobre diferentes questões relacionadas a gênero, sexualidade, feminilidade e orientação sexual. A escolha de dois ou mais prints acarretaria em uma longa análise, tornando o artigo extenso.

Como método de análise, me amparei na teoria da Análise do Discurso materialista cunhada pelo francês Michel Pêcheux, que se dedicou a estudar a linguagem e a sociedade, buscando compreender a ideologia através das materialidades discursivas dos sujeitos.

Para Rosalind Gill (2008, p. 248, grifos da autora)

[...] Os analistas de discurso vêem todo discurso como *prática social*. A linguagem, então, não é vista como um mero epifenômeno, mas como uma prática em si mesma. As pessoas empregam o discurso para *fazer* coisas – para acusar, para pedir desculpas, para se apresentar de uma maneira aceitável, etc. Realçar isto é sublinhar o fato de que o discurso não ocorre em um vácuo social. [...]

Assim, atrelada à perspectiva da AD, parti de uma análise indutiva, a qual seleciona elementos presentes no discurso para que sejam observados, em nosso caso, às luzes da AD, convidando elementos externos para fazer parte da análise e propor diferentes discussões. Esse método nos faz observar o fenômeno da linguagem, a sua relação com a ideologia e como ela se dá na sociedade ao tentar inserir justificativas, desejos etc. no discurso, pois, ao falarmos, nossa linguagem encontra-se ideologicamente marcada.

Seguindo mais um método discursivo de análise, em *A Falta, o Excesso e o Estranhamento na Constituição: Interpretação do Corpus Discursivo* (2009), Aracy Ernst-Pereira nos apresenta três elementos importantes no processo de análise de um determinado discurso. Ernst-Pereira propõe uma análise minuciosa do *corpus* tentando localizar em que momento acontece a falta, o excesso e o estranhamento, conforme ela descreve no próprio título do texto.

Em breve resumo, a falta encontra-se

[...] 1) na omissão de palavras, expressões e/ou orações, consentida inclusive pela gramática, que podem (ou não) ser resgatadas pelo sujeito-interlocutor; 2) na omissão de elementos interdiscursivos que são esperados, mas não ocorrem e podem (ou não) ser percebidos pelo sujeito-interlocutor [...]. (ERNST-PEREIRA, 2009, p. 04)

Por se tratar da ordem sintática do discurso, a falta está ligada ao intradiscurso, podendo haver uma interpretação daquilo que se encontra ausente, mas descrito nas entrelinhas.

Já o excesso diz respeito a

estratégia discursiva que se caracteriza por aquilo que está demasiadamente presente no discurso. Consiste: 1) no uso de incisivas, considerado na gramática como um acréscimo contingente [...] de intensificadores ou na repetição de palavras ou expressões e orações [...], 2) na reiteração incessante de determinados saberes interdiscursivos que tomam formas diferentes no intradiscurso, mas mantêm os mesmos pressupostos ideológicos com vistas ao estabelecimento [...]. (ERNST-PEREIRA, 2009, p. 04)

Por fim, o estranhamento remete-se à

estratégia discursiva que expõe o conflito entre formações discursivas e consiste na apresentação de elementos intradiscursivos – palavras, expressões e/ou orações – e interdiscursivos, da ordem do ex-cêntrico, isto é, daquilo que se situa fora do que está sendo dito, mas que incide na cadeia significante, marcando uma desordem no enunciado. Aqui se dá o efeito de pré-construído através do qual “um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado antes, em outro lugar, independentemente”, rompendo (ou não) a estrutura linear do enunciado. Possui como características a imprevisibilidade, a inadequação e o distanciamento daquilo que é esperado [...] (ERNST-PEREIRA, 2009, p. 05)

Dos três elementos descritos acima, pretendo debruçar, essencialmente, sobre o excesso e o estranhamento para discutir as sequências discursivas (SD) presentes em um diálogo acontecido no *Grindr*, um aplicativo internacional de relacionamento para encontros casuais e sexuais.

### **Entre amor e sexo: o *grindr***

O *Grindr* é uma rede de relacionamento, surgida em 2009, tornando-se o maior aplicativo lgbtqi+ destinado a diferentes pessoas. Entretanto, o *app*<sup>3</sup> popularizou-se por cis-homens gays fazerem seu uso. Mesmo sendo um aplicativo de relacionamento, a maior utilidade do *Grindr* é a busca por sexo casual instantâneo, mais conhecido no mundo gay como “fast foda”, uma espécie de alusão às empresas de comidas rápidas denominadas *fast food*. Isso porque, diferente de sites de relacionamento, a exemplo do bate papo uol<sup>4</sup> o *Grindr* (e diversos outros *apps*) possui *gps*, o que permite que se saiba a distância em tempo real dos seus usuários. Dessa forma, os encontros podem acontecer de modo ágil e prático.

Muito parecido com um cardápio digital, o *app* apresenta imagens e descrições de diferentes sujeitos, tais como: nome de exibição, biografia, idade, altura, peso, etnia (asiático, branco, indígena, latino, mestiço, negro, outro, sul asiático, árabe), porte físico (comum, grande, magro, musculoso, parrudo e torneado), posição (ativo, versátil ativo, versátil, versátil passivo e passivo), tribos (elegante, papai, discreto, nerd, barbie, couro, malhadinho, soro positivo, rústico, trans, garotos, sóbrio), gênero (homem, homem cis, homem trans, mulher, mulher cis, mulher trans, não binário, não conformista, *queer*, travesti), relacionamento atual (casado, caso, com parceiro, comprometido, exclusivo, noivo, relacionamento aberto e solteiro), saúde sexual (negativo, negativo usando PrEP, positivo e positivo não detectável), pronomes (ele/dele, ela/dela, eles/deles e pronomes personalizados), expectativas (em busca de; local de encontro; aceitar fotos) e links de redes sociais (*Instagram*, *Spotify*, *Twitter* e *Facebook*).

Além de oferecer a comunicação via *chat*, outras semioses, como o envio e recebimento de fotos e vídeos, são possíveis entre os usuários cadastrados. Parafraseando Cleiton Bonfante (2016, p. 91), esses *apps* de encontros gays produzem na sociedade novos sentidos acerca da comunicação, com respostas rápidas e sem rodeios, muitas vezes sendo respondidas com imagens (por vezes eróticas) ou *emojis*, descrevendo a situação momentânea (desejo, vergonha, desdém etc). Há, ainda, a possibilidade de enviar e receber áudios e vídeos instantâneos. Tudo isso na versão gratuita do *app*. O *Grindr* também possui duas versões pagas. A primeira, conhecida como *Xtra*, conta com a possibilidade de

---

<sup>3</sup> *Apps* são programas de *software* criados para aparelhos celulares *smartphones*, bem como smart tv e outros aparelhos inteligentes (relógios, tablets, assistente virtual). Os *apps* encontram-se disponíveis em lojas online de aplicativos, nas versões *IOS* e *Android*. Alguns são gratuitos; outros, pagos.

<sup>4</sup> batepapo.uol.com.br

acesso a 600 diferentes perfis, ausência de anúncios publicitários e recibos de leitura. A segunda, de nome *Unlimited*, conta com perfis ilimitados, visualizações de mensagem, envio de fotos com tempo de expiração, cancelamento do envio de mensagens, tradução etc.

“[...] [O]s aplicativos vieram colocar o corpo na linguagem, trazer o sexo para o discurso e envolver os significados em nuvens de sensações corpóreas. [...]” (BONFANTE, 2016, p. 92). Entretanto, esse espaço, aparentemente de interação, é utilizado por alguns usuários para proliferar distintos discursos homofóbicos, transfóbicos, racistas, misóginos, dentre outros. Nessa esfera, tais acontecimentos não são desencadeados por culpa da tecnologia. Os usuários já chegam nos apps munidos de ideologias hegemônicas presentes na sociedade. Assim, afirma Costa:

a busca por parceiros no Grindr dimensiona uma série de condutas e desejos diversos, não sendo possível responder de forma unívoca o que os usuários procuram, mas compreende-se que a busca está revertida por performances de masculinidades e sentidos subjetivos advindos de construções sociais sobre o desejável, ou até mesmo comportamentos subversivos no que tange aos padrões estéticos e comportamentais sobre o masculino. (2020, p. 198)

Logo, se pode perceber não só a presença das condutas heteronormativas, mas também outros comportamentos que marginalizam corpos, no mundo gay, abjetificando, mediante a interseccionalidade de gênero, raça/etnia e classe. Portanto, utilizar os aplicativos de pegação e ser afeminado, acima da idade (+50, +60), ter baixa estatura e/ou ser gordo é sentir a marginalização advinda da própria margem. Os corpos predominantes nesse aplicativo são os jovens, definidos/malhados, brancos ou negros dotados, de alta estatura, bem típico do padrão europeu.

Quando se trata de comunicação nos *apps* de pegação, a maioria das vezes sempre acontece de forma objetiva e direta. As frases mais comuns de se ler são: “o que curte?” “de onde?” “a fim?” etc., havendo, pois, poucas contextualizações. Dito de outra forma, os usuários evitam fazer uso de longas sentenças sintáticas, deixam de lado quaisquer conteúdos em comum, sem muitas trocas de afinidades e de ideias. Seus objetivos são curtos e diretos: procuram sexo instantâneo.

Assim, para melhor compreensão, passo a apresentar a imagem capturada do aplicativo para compreender tanto o *layout* quanto a forma direta de comunicação dada pela (não somente) aba de descrição do nome. Observemos:

Imagem 1<sup>5</sup>



O print acima apresenta o *layout* do aplicativo, muito parecido com um cardápio virtual, como já dito anteriormente. Conforme o dedo desliza na tela, no sentido vertical do aparelho celular, o aplicativo começa a apresentar novos usuários. Onde seria o nome do perfil, alguns membros do *app* já descrevem informações diretas, relacionadas ao cunho sexual. Embora a análise proposta neste texto possua relevância social de modo a denunciar práticas heteronormativas, o diálogo que discutiremos foi retirado de uma, entre tantas, páginas que tratam o assunto como piada, isto é, sem nenhuma denúncia à ideologia do ‘cis’tema patriarcal, considerando, assim, a naturalização do conteúdo.

### **O corpus**

O diálogo do qual me valho para realizar a análise e observar o comportamento das materialidades digitais discursivas encontra-se em formato de imagem (print), juntamente com centenas de outras conversas, no perfil *@GrindrPrints*<sup>6</sup>. Com intuito de preservar a integridade dos interlocutores da conversa, priorizei transcrever partes da conversa que serviriam para análise discursiva. Ademais, caso fosse-me permitido participar do diálogo

<sup>5</sup> Este print foi retirado do meu perfil do aplicativo *Grindr*. Embora seja um aplicativo público, optei por borrar o rosto de alguns usuários a fim de preservar a identidade.

<sup>6</sup> <https://twitter.com/GrindrPrints/media>

para fins de pesquisa acadêmica, certamente não teria o mesmo resultado, uma vez que a autorização influenciaria na interação, porque um sujeito sempre altera a sua escrita quando se trata de algo formal ou informal. A imagem capturada do aplicativo possui balões em duas cores que indicam as mensagens de cada sujeito. Assim, do lado direito (balão amarelo) temos o primeiro interlocutor que iniciou o diálogo; do mesmo modo, ao lado esquerdo (balão azul), temos o segundo interlocutor, ambos em interação. O print original do diálogo encontra-se hospedado no perfil da rede social *Twitter*<sup>7</sup>

Procurei selecionar três SDs<sup>8</sup>, sobre as quais me debruçarei para a análise das enunciações, mostrando o seu funcionamento e em que medida elas apresentam o excesso e o estranhamento através de sinais intradiscursivos e interdiscursivos: a primeira SD (SD 1) são os pronomes utilizados pelo sujeito azul: *te, tu, minha, tua*; a segunda (SD 2) diz respeito ao enunciado *encher teu rostinho lindo de porrada*; e, por fim, a terceira SD (SD 3) é *putinha escrava*.

Ao observar a SD 1, deparo-me com uma quantidade de pronomes em toda enunciação linguística do sujeito azul – *te, tu, minha, tua* – nos quais são mobilizados diferentes discursos, tais como direcionamento de vontade exclusiva ao sujeito amarelo, bem como posse deste. O uso do *te* e do *tu* afirmam o desejo por aquele corpo, como pode ser percebido através dos verbos escolhidos para acompanhar os pronomes: *pegar, agarrar, pedir, humilhar e tratar*. À vista disso, a memória da língua dá corpo ao poder-dizer do desejo e da mobilização daquilo que se projeta na memória discursiva como sendo enunciações eróticas destinadas ao sujeito amarelo, causando excesso no uso dos pronomes.

Um método de análise proposto pela Análise de Discurso é a escolha pelas paráfrases, visto que trazem à tona formações discursivas ideológicas presentes nos interdiscursos das SDs. As paráfrases descortinam diferentes condições ideológicas encontradas nas entrelinhas das enunciações do sujeito. De acordo com Schneiders (2013, p. 1001)

A paráfrase discursiva é entendida, portanto, por um ponto de vista peculiar, que leva em conta o ideológico, não se restringindo ao nível estritamente linguístico. Toda paráfrase discursiva é, pois, determinada ideologicamente e historicamente, inscrevendo-se em dada FD. Quando

---

<sup>7</sup> <https://twitter.com/GrindrPrints/status/1377433920602394626/photo/19>

<sup>8</sup> SDs: Sequências Discursivas

observamos o funcionamento dessa noção, podemos dizer que há uma repetição com vistas à cristalização dos sentidos referentes a um discurso em específico [...].

Além disso,

[...] as paráfrases funcionam, a um só tempo, como a contrapartida de um dizer que se pretende sedimentado e homofônico, e como a contrapartida de um sujeito que se pretende alforriado das determinações históricas de seu dizer, alforriado do “discurso do Outro”. (SARTI; CHIARETTI, 2016, p. 79)

Desse modo, passo a descrever as paráfrases a fim de analisar as SDs inscritas nas formações discursivas dos sujeitos em diálogo no aplicativo *Grindr*.

SD (1): *Te e Tu*

1. ***te pegar.***

1. a. pegar **você.**

1. b. pegar-**te.**

2. ***te agarrar.***

2. a. agarrar **você.**

2. b. agarrar-**te.**

3. ***tu pedir.***

3. a. **me** pedir.

3. b. **você** pedir.

3. c. pedir-**me.**

Mediante as paráfrases, apresento materialidades discursivas sobre o excesso percebido nos pronomes em relação ao sujeito azul referindo-se ao sujeito amarelo, ficando perceptível, mais uma vez, o excesso em seu desejo erótico. Não se pode deixar de falar sobre os verbos escolhidos pelo sujeito para afirmar o seu desejo. Confiscando a sua escolha, e parafraseando-as, novamente há um excesso de desejo, injunção e obsessão, podendo, inclusive, também ser caracterizado como estranhamento. Vejamos:

SD (1.1): *pegar, agarrar, pedir, humilhar, tratar*

1. ***queria te pegar.***

1. a. **vontade de te possuir.**

1. b. **desejo te ter.**

2. ***e te agarrar.***

2. a. e **forçá-lo.**

2. b. e **abusar você.**

3. **até tu pedir arrego.**

3. a. até **você implorar pra eu parar.**

3. b. até **você clamar pra eu desistir.**

3. c. até **você se humilhar pra eu te soltar e tu fugir.**

Neste sentido, conforme nos mostram as paráfrases, fica translúcido que a escolha léxico-verbal do sujeito azul aponta para um discurso ideológico acerca de posse, dominação e posição ativa sobre o sujeito amarelo, que se encontra na posição de submisso e passivo – ou seja – receptor dos atos do interlocutor. Em outras palavras, para melhor entender essa relação entre ativo e passivo na comunidade gay, Saéz e Carrascosa (2016, p. 30) afirmam:

[...] Ser ativo ou passivo se associa historicamente a uma relação de poder binário: dominador-dominado, amo-escravo, ganhador-perdedor, forte-fraco, poderoso-submisso, proprietário-propriedade, sujeito-objeto, penetrador-penetrado, isso tudo dentro de outro esquema subjacente de gênero: masculino-feminino, homem-mulher.

O “[...] esquema subjacente de gênero [...]” (SAÉZ; CARRASCOSA, 2016, p. 30), apresentado pelos autores, reporta uma discussão binária no universo gay em que o passivo ocupa a posição feminina na cama ou no cotidiano, principalmente se este possuir características afeminadas em seu corpo, pois, de acordo com a ideologia heteronormativa

[...] a “mulher” é construída socialmente como um ser penetrável: deve procriar, satisfazer o homem, ser passiva, humilde, dócil, boa mãe, reduzir a sexualidade à sua vagina. A vagina, nesse regime, supõe-se que é um lugar que espera ser penetrado. O macho “a possui”. (SAÉZ; CARRASCOSA, 2016, p. 30)

No caso do homem gay passivo afeminado, o ânus “[...] é um lugar que espera ser penetrado [...]” (SAÉZ; CARRASCOSA, 2016, p. 30). Contudo, o que possui, ou melhor, quem penetra nem sempre é considerado gay, pois este tem privilégios e a sociedade machista “[...] valora[...] de forma completamente diferente quem adota o papel ativo (a pessoa que penetra) e quem assume o papel do chamado passivo (a pessoa penetrada) [...]” (SAÉZ; CARRASCOSA, 2016, p. 29). Essa valorização está atrelada ao poder binário homem/mulher já existente na construção da civilização, categorizando a mulher como sujeito inferior ao homem.

A SD 2 selecionada nos causa estranhamento ao misturar duas categorias distintas. Observem a sentença “encher teu rostinho lindo de porrada”. Nessa SD é possível notar um deslizamento de sentido, pois, de acordo com a classificação gramatical de palavras, “lindo” refere-se a um adjetivo, podendo funcionar como um elogio, um carinho etc. Esse adjetivo aparece em associação com o substantivo “porrada” que, de acordo com o conhecimento de mundo, significa: violência com golpe; agressão física, pancada etc. Ora, se, por um lado, “lindo” é um adjetivo que exprime carinho e, por outro, “porrada” trata-se de um substantivo que define agressão, a SD apresenta estranhamento por trazer duas definições de palavras distintas. Desse modo, faço uso novamente da paráfrase para testemunhar o estranhamento na SD apresentada.

*SD 2: encher teu rostinho lindo de porrada*

1. a. encher tua cara bonita **de murros**.
1. b. encher teu rostinho **sensível de socos**.
1. c. encher tua cara **delicada de paulada**.

As paráfrases mostram, com clareza, o estranhamento causado pelo uso de dois elementos gramaticais que se opõem. Com a ajuda das reescritas, percebemos a manifestação de uma violência na SD 2 dentro do aplicativo, que parece ser aceita naturalmente por seus usuários em vista de uma romantização de certas atitudes na prática

sexual, tais como: tapas na cara, xingamentos, puxadas de cabelo etc. Embora “porrada” possa ter uma ressignificação, ou melhor, um deslizamento de sentido, passando a exercer uma função não agressiva na prática sexual, não há evidências na fala do sujeito azul apontando tal possibilidade. E, ao levar em consideração a cultura machista que paira sobre a sociedade e o deslocamento do corpo do homem gay afeminado ao lugar da mulher, pouco provável seja a ressignificação da palavra, pois este corpo marginalizado, subalternizado e minorizado não possui importância para o ‘cis’tema. Logo, diferentes discursos agressivos tornam-se corriqueiros tanto para gays – principalmente os afeminados – quanto para mulheres.

A mídia tem relatado – com bastante frequência – agressões domésticas, chegando, muitas delas, a casos de feminicídio. A cultura machista tem feito vítimas em todo o Brasil e no mundo, evidenciando a misoginia e a aversão ao corpo feminino. Tais agressões podem ser encontradas, em falsa camuflagem, nos vídeos pornográficos, ao apresentar as mulheres como objetos de prazer, sendo possuídas (comidas) de diferentes formas pelos homens. Essa cultura do sexo agressivo mostra-nos a representação misógina do corpo feminino na atual sociedade.

O consumo dos meios de comunicação, como, por exemplo, a internet, cumpre um papel de propagar uma ideologia que transpassa as relações sociais, uma mídia que se naturaliza no modo de vida das pessoas. Os indivíduos, atingidos pela comunicação de massa realizada pela mídia em geral, ocasionam uma reflexão sobre o modo de constituição das relações interpessoais, acarretando um novo modelo de sexualidade na atual sociedade. (FERREIRA; SOUZA, 2018, p. 139)

Assim, a contaminação pela ideologia do sexo agressivo, pela coisificação e objetificação do corpo da mulher e do homem gay afeminado, acarreta em uma série de agressões verbais, psicológicas e físicas, como se vê em filmes pornográficos. O desejo expressado pelo sujeito azul em “encher teu rostinho lindo de porrada” evoca a memória discursiva de reduzir o sexo em agressão ao sujeito tido como ífero a ele.

O corpo do homem gay passivo que, segundo a lógica heteronormatividade, tenta assumir o lugar da mulher, também se encontra em posição de vulnerabilidade, tornando-se, do mesmo modo, sujeito a possíveis violências. A enunciação destacada é escrita por um sujeito gay ativo que, dentro do contexto heterossexual, é o macho provedor, patriarcal e, portanto, dominador, com poder de assujeitar demais corpos lidos como subalternos,

abjetos e sem valor. Assim, é possível jogar luz sobre o estranhamento por causa do léxico utilizado pelo sujeito azul com base nas paráfrases e no contexto machista da sociedade que leva em consideração o homem enquanto hétero, ativo, viril, másculo, patriarcal e dominante.

Na SD 3, “putinha escrava”, duas palavras mobilizam todo um campo semântico-discursivo para pensarmos sua produção enunciativa. O *Dicionário Online de Português* fala que *puta* significa “mulher que faz relações sexuais por dinheiro; prostituta”. E, no sentido figurado, “aquela que não tem pudor; libertina ou despudorada” (aqui, informo que o dicionário apresenta as duas definições como tabu, ou seja, algo nem tão bem-visto pela sociedade, repudiado pelo conservadorismo). Conforme descreve Chico Buarque (1979), na canção Geni e o Zepelim, a puta é aquela que:

De tudo que é nego torto / Do mangue, do cais, do porto / Ela [a puta] já  
foi namorada / O seu corpo é dos errantes / Dos cegos, dos retirantes / É  
de quem não tem mais nada / Dá-se assim desde menina / Na garagem, na  
cantina / Atrás do tanque, no mato / É a rainha dos detentos / Das loucas,  
dos lazarentos / Dos moleques do internato [...]

Ao ir além do dicionário, em nosso inconsciente, isto é, em nossa memória discursiva, a “puta” é aquela mulher cujo corpo é dado a todos, conforme descreve o compositor da canção; é a mulher desvalorizada que, pelo prazer sexual, desonrou o nome da família; é também aquela mulher que não serve para ser a dona de casa, progenitora, boa esposa, e submissa ao seu marido. Ser “filho da puta” é vergonhoso, motivo de rechaço, vergonha, de invalidez perante a sociedade. “Puta” é a mulher de vários homens, algo condenado desde o início da civilização, porquanto que a mulher deve ser somente de um homem, mas este pode ter outras mulheres para expressar a sua virilidade e masculinidade. De acordo com Fernandes e Souza (2013, p. 58-59),

o que é posto em funcionamento através das condições histórica e social é a imagem de uma mulher devassa, sensual, sem moral, transgressora, etc. enfatizando sentidos sobre a mulher como a origem de todo mal, sentidos estes produzidos desde a origem bíblica, ou seja, a criação da imagem de Eva, a mulher pecadora.

Toda essa memória da língua faz-nos perceber (ao longo da civilização) como a sociedade rotulou a mulher, colocando-a sempre em *status* inferior ao homem e responsável pela desordem social, cultural e religiosa. Mesmo já havendo uma

reivindicação pela ressignificação do termo “puta” e, além de militâncias para o empoderamento das prostitutas, enquanto prestadoras de serviços sexuais, cujos seus corpos dão-se a fins lucrativos, a palavra “puta” até então continua a ocupar o lugar do perverso, do pejorativo, e do inconveniente à sociedade. Portanto, ainda que se substitua “puta” por “profissional do sexo”, a memória discursiva sempre dará o mesmo sentido a essas mulheres mediante ao deslizamento discursivo presente na ideologia da sociedade. Esse deslizamento evoca toda a memória discursiva do inconsciente, fazendo permanecer viva a carga semântica sobre os corpos de mulheres profissionais do sexo para serem julgadas como subalternas e marginalizadas.

Já “escrava”, de acordo com o dicionário online, quer dizer “feminino de escravo”. O machismo já começa quando não há, no dicionário, o verbete no feminino. “Escravo”, por sua vez, é o “indivíduo que está ou foi privado de sua liberdade, sendo submetido à vontade de outrem, definido como propriedade, [...] quem trabalha exageradamente ou vive para trabalhar, [...] servo; quem trabalha como ajudante, criado [...]” (DICIONÁRIO ONLINE). Novamente, ao buscar em nossa memória discursiva, “escrava” foi a mulher humilhada pelas suas senhoras, mulher tida como cozinheira, ama, faxineira, que limpava todo o lar, que mantinha a organização da casa grande. Segundo Pereira (2011, p. 02)

Os afazeres domésticos e o cuidar dos filhos das sinhás, foi um forte condicionante privado de estruturação patriarcal e hierárquica, durante o período de escravidão, a regulação das relações entre senhoras e escravas, pautava-se no modelo de dominação de classes, definido por padrões de superioridade e inferioridade, a negra escrava mesmo sendo considerada inferior foi quem, amamentou os filhos de suas senhoras.

Além do papel de empregada, a escrava possuía outra função para a aristocracia da época. Sonia Maria Giacomini (1988) relata que, além de empregadas domésticas, as escravas eram submetidas a práticas sexuais com os senhores brancos, pois estes tinham propriedade sobre os escravizados e seus corpos, que não eram controlados pela igreja, tampouco pelo estado. Em seu livro, Giacomini descreve:

A sexualidade possível à senhora é aquela que lhe impõem as relações familiares patriarcais, norteadas pelos rígidos preceitos religiosos e morais. A escrava escapa a essas determinações que cerceiam as mulheres da classe dominante; sua sexualidade não está a serviço da procriação e da reprodução ideológica na família branca. Estar fora do círculo familiar e do jugo patriarcal sobre ele exercido representa, para a escrava, estar também além dos limites e normas que “funcionalizam” e

regulamentam a sexualidade da mulher livre e branca. A sexualidade da escrava aparece *para o senhor* livre de entraves ou amarras de qualquer ordem, alheia à procriação, às normas morais e à religião, desnudada de toda série de funções que são reservadas às mulheres brancas para ser apropriada num só aspecto: objeto sexual. (1988, p. 66, grifo da autora)

Ou seja, à escrava eram destinadas todas as práticas sexuais capazes de colocar a mulher em situação de vulnerabilidade, violência e objetificação. Essas práticas perpetuam até os dias atuais, sobretudo em mulheres negras. Por tais questões, na SD<sup>3</sup>, dois casos precisam ser levados em consideração: o primeiro trata-se da junção de dois adjetivos cobertos de estigmas e preconceitos; o segundo caso é que ambos adjetivos se encontram no feminino. Além dos adjetivos escolhidos possuírem memórias ideológicas negativas, o sujeito azul os coloca no feminino, deixando subentendido, isto é, no interdiscurso, a posição da mulher – acima de tudo a mulher negra – na sociedade, conforme apresento abaixo, fazendo uso, novamente e por fim, das paráfrases e discutindo o lugar da mulher na a sociedade.

SD (3) *putinha escrava*

1. a. **vadia dada submissa**
1. b. **mulher da vida, objeto de prazer**
1. c. **mulher sem valor, digna de dominação**
1. d. **mulata meretriz**

Por intermédio da mobilização das paráfrases, é trazida à baila a colocação de *status* que a mulher recebe, não somente hoje, mas durante anos pela sociedade falocêntrica. Para tanto, chamo a atenção: o fato de mesmo esse diálogo acontecendo entre dois homens, o sujeito azul refere-se ao sujeito amarelo no feminino. Além disso, também chamo atenção para a alteração na marcação de gênero nas palavras analisadas, novamente evocando o feminino. Posto isso, fica transparente uma *falta* e mais um *estranhamento* causado no diálogo entre ambos os homens, em um aplicativo de relacionamento gay masculino.

No ideário do ‘cis’tema heteropatriarcal, a mulher deve ser sempre submissa ao homem, reduzir-se aos afazeres do lar e ser a cuidadora deste ambiente, além de

procriadora e reprodutora do conceito ideológico de família. Quando esta destoa aos “mandamentos” falocêntricos, rompendo as barreiras que a limitam, isto é, descentralizando o poder heteronormativo e patriarcal, é tida como mulher sem valor, sem preceitos familiares, tampouco moral e religioso.

Assim sendo, fica elucidada, na fala o sujeito azul, a posição que ele atribui ao sujeito passivo: de mulher frágil, objetificada e submissa. Mais uma vez, é possível observar, no interdiscurso, a aproximação do homem gay passivo com a mulher, tornando isso “[...] em algo indesejável, um castigo, uma tortura, um ato odioso, uma humilhação, algo doloroso; [uma] perda da honra [...]”, tudo isso para a heteronorma que não aceita igualar-se a gênero oposto.” (SAÉZ; CARRASCOSA, 2016, p. 27). Atribuir ao sujeito amarelo o adjetivo “escrava” também nos parece retornar ao passado (e por que não no presente?), onde as mulheres eram violentadas gratuitamente, sem ter nenhum direito de reivindicar o abuso. Ser uma “putinha escrava” pode estar ligado, diretamente, ao sadomasoquismo. Entretanto, para a nossa cultura social, “putinha” e “escrava” remetem a discursos outros, discurso de desvalorização e de violência de gênero.

## **Discussões**

Com base no que foi discutido, os desfechos desta análise nos mostram que ao examinamos a conversa entre dois sujeitos no app de pegação *Grindr*, às luz da AD, diferentes camadas sociais discursivas podem ser observadas a partir do conceito de interseccionalidade, teoria muito valiosa para entendermos como a sociedade, por meio da ideologia, divide os corpos falantes. No *corpus* da pesquisa foi detectado não somente questões relacionadas a homofobia, mas também a misoginia. Desse modo, quando pensamos em feminilidade em corpos gays masculinos, imediatamente sentimos a pressão da heteronormatividade tentando apagar os desviantes da norma.

Os resultados desta pesquisa apontam para um discurso pautado na ideologia fortemente marcada pelo machismo, patriarcalismo e falocentrismo. Este estudo revelou ainda que quando o sujeito do balão azul atribui ao sujeito do balão amarelo o gênero feminino, ele não está somente indo de encontro à gramática. Mais que isso, sua postura demonstra uma objetificação do corpo da mulher colocando-a como máquina prazer. Melhor dizendo, para a heteronormatividade, a mulher resume-se aos trabalhos domésticos e à cama. Colocar o sujeito amarelo no feminino é reafirmar o conceito heteropatriarcal de

ter a mulher como instrumento de prazer e violência. Contudo, esse corpo não é só um corpo de uma mulher. O sujeito azul assinala marcadores sociais que constituem o corpo descrito por ele: corpo preto, portanto escravo; corpo prostituto, portanto putinha; e um corpo inútil, portanto merecedor de surra.

Mesmo havendo uma lei que assegura os direitos das mulheres, elas ainda continuam vulneráveis aos homens, sendo, muitas vezes violentadas sexualmente, feitas de “putinha escrava” e recebendo porrada “no rostinho lindo”. O diálogo do sujeito azul aponta para a submissão do feminino ao masculino, colocando o primeiro como desvalorizado, enquanto que o segundo ocupa a posição de poder e de centro. Tais resultados vem à baila a partir dos detalhes linguísticos do sujeito azul que evidenciam fatores externos em sua conversa aparentemente simples.

### **Considerações (não) finais**

Durante a escrita deste texto, o diálogo realizado no ciberespaço permitiu que caminhos diferentes fossem trilhados mediante as produções discursivas materializadas nos espaços digitais e tão presente em nosso cotidiano, permitindo, assim, reverberar sobre novas discussões acerca de violências sexuais e de gênero, ambas enraizadas em nossa cultura. Uma pesquisa etnográfica virtual nos permite perceber como a tecnologia incorpora padrões normativos da supremacia heteronormativa e a reproduz como algo normal e natural.

Ser um homem gay passivo é estar, dentro do binarismo, na posição feminina, portanto, é ser submetido à inferioridade, objetificação e coisificação. A partir das discussões elucidadas, uma das formas de repúdio e misoginia na relação homoerótica é colocar o sujeito passivo no feminino, tratando-o como mulher. Tal acontecimento mostra o quanto a heteronormatividade segue presente nos discursos até mesmo de corpos desviantes.

Diferentes verbos, em consonância com alguns pronomes utilizados pelo sujeito azul, demonstram a injunção da sentença. Essa classificação gramatical, tida como ordenar uma coisa, ou seja, exigir algo, deixa claro o quanto o homem cis ainda continua demonstrando poder sobre corpos considerados inferiores. Nessa perspectiva, o falocentrismo se mostra através das formações discursivas a partir das interpelações ideológicas pré-existentes em nossa história.

Quando se pensa na mulher, principalmente a mulher brasileira, é preciso trazer à tona qual papel esta tem ocupado dentro da sociedade desde o período escravocrata. No Brasil Colônia, as mulheres brancas e livres eram as responsáveis pelo matrimônio, pela representação dos dogmas morais e religiosos. Já as mulheres negras e cativas serviam, além de empregadas, para atos e violências sexuais cometidos pelos senhores. Trazendo esse cenário para os dias atuais, as mulheres que permitem-se viver a vida tendo diferentes relacionamentos ou, inclusive, as mulheres que possuem a prática sexual como ofício de trabalho, são consideradas mulheres que borram e maculam o conceito de mulher baseado na pureza, na docilidade e na maternidade de uma cultura social conservadora e patriarcal.

Para finalizar, o que fica claro nesse diálogo é como a escolha dos léxicos e a construção das sentenças cooperam para diversos discursos interiores e exteriores à mensagem do sujeito azul, produzindo, desta maneira, *a falta, o excesso e o estranhamento*. A ideologia ultrapassa as entrelinhas ao mostrar os discursos em pleno exercício de sua função na sociedade, delimitando quais corpos merecem ser respeitados e quais corpos merecem ser colocados como objetos e abjetos. Vale ressaltar que a análise foi realizada a partir de textos veiculados em postagens (*posts*), que, considerando o advento da inserção na cibercultura (e sua expansão) pela totalidade da vida contemporânea, apresentam, a nós, pesquisadores, novos tipos de textualidades, que (re)produzem novas e velhas formas de discursividades. Nesse sentido, merece atenção o fato de a Internet, com o advento das redes sociais, ter proporcionado a insurgência de novas narrativas e formas de produção textual, que, através de escritas colaborativas, fomentam novos modos de sociabilidade, que, por sua vez, reproduzem novos efeitos de sentido, através das enunciações que lançam luzes sobre velhas questões passíveis de atenção, como a misoginia e a homofobia, camufladas em práticas sexuais, fetiches e elogios digitalizados.

## **Referência**

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som - um manual prático*. 7ªEd. Petrópolis: Vozes, 2008.

BONFANTE, G. M. *Erótica dos signos em aplicativos de pegação: performances íntimo-espetaculares de si*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016.

BUTLER, J. *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. Tradução de Verônica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições, 2019.

- COSTA, R. S. O que Procura? A digitalização do desejo e as performances de masculinidades no aplicativo Grindr. *CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, Juiz de Fora, n. 32 (2020). Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/29262>. Acesso em: 28 mar 2022.
- DIAS, C. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas: Pontes Editores, 2018.
- DICIO. *Dicionário online de Português*. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/>>. Acesso em: 29 jul de 2021.
- ERNST-PEREIRA, A. A Falta, o Excesso e o Estranhamento na Constituição/Interpretação do Corpus Discursivo. In: *IV Sead - Seminário de Estudos em Análise do Discurso 1969-2009: memória e história na/da Análise do Discurso*. Porto Alegre. 2009
- FERNANDES, F.; SOUZA, O. M. De Puta às profissionais do sexo: uma memória da língua. *EntreLetras*. Araguaína, v. 4, n. 2, p. 58-71, ago./dez. 2013. Disponível em <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/990>. Acesso em 18 de out. 2021.
- FERREIRA, M. L. C. M.; SOUZA, C. de. Um estudo sobre a possível relação entre a violência sexual contra a mulher e a pornografia explícita na sociedade contemporânea. *Revista do Curso de Direito da Universidade Metodista de São Paulo*. São Paulo, v. 15, n. 15, p. 130-150, 2020. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/RFD/article/view/10922> Acesso em 21 de out. 2021.
- GIACOMINI, S. M. *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.
- GILL, Rosalind. Análise de discurso. In. BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Org.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som - um manual prático*. 7ªEd. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HOLLANDA, C. B. de. Geni e o Zepelim. In: *Ópera do malandro*. Rio de Janeiro: Polygram'Philips, 1978/1979.
- KOZINETS, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014.
- ORLANDI, E. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 12 ed. Campinas-SP: Pontes, 2015.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.
- PEREIRA, B. de P. De escravas a empregadas domésticas - A dimensão social e o "lugar" das mulheres negras no pós- abolição In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. 2011. São Paulo. Disponível em <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308183602\\_ARQUIVO\\_ArtigoAArti-Bergman.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308183602_ARQUIVO_ArtigoAArti-Bergman.pdf)>. Acesso em out de 2021.
- SAÉZ, J.; CARRASCOSA, S. *Pelo cu: políticas anais*. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

SARTI, M. M.; CHIARETTI, P. O lugar da paráfrase no trabalho do analista do discurso. *Revista Investigações*. Recife, v. 29, n. 2, p. 69-89, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1551/8292>. Acesso em: 20 de out. 2021

SCHNEIDERS, C. M. O funcionamento da paráfrase discursiva: constituição do sujeito e dos sentidos na produção do conhecimento dos anos de 1950. *Revista Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 42, n. 3, p. 997-1011, 2011. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/907>. Acesso em 21 de out. 2021.

TWITTER. @GrindrPrints. Disponível em: <https://twitter.com/GrindrPrints/media>. Acesso em: 18 mai. 2022.

TWITTER. *queria estar assim*. Disponível em: <https://twitter.com/GrindrPrints/status/1377433920602394626/photo/1>. Acesso em 18 mai. 2022.

## FROM “PRETTY FACE” TO “SLAVE LITTLE BITCH”: LACK, EXCESS AND STRANGEMENT IN A CROSSING APPLICATION CONVERSATION

### ABSTRACT

This article proposes to analyze a dialogue carried out in the gay relationship application, Grindr, taking into account the discourses materialized in the linguistic enunciation of two subjects entitled blue subject and yellow subject. The colors were not chosen randomly, they refer to the conversation bubbles of both subjects. Considering the contemporary reality due to the advent of cyberculture and starting from a materialist discursive approach, this text describes, through three linguistic utterances, a discussion about the body of the passive gay, in addition to collaborating for studies on (new) modes of sociability, resulting from social processes mediated by digital electronic devices.

**Keywords:** discourse analysis, grindr, gay effeminate, abjection/desire.

Recebido em: 10/07/2022

Aprovado em: 05/11/2022